

Testemunho

A palavra a Gonçalo Vilas-Boas

Gonçalo Vilas-Boas foi o primeiro coordenador científico do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILC) o qual, em 1999, começa a desenvolver um Projeto de Investigação com o apoio da Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Foi sob os seus mandatos e a sua gestão que o ILC ganhou uma dinâmica de progressiva excelência bem como reconhecimento e visibilidade junto da comunidade académica nacional e internacional.

Com Gonçalo Vilas-Boas, dois ciclos de projetos de investigação foram levados a cabo, *Literatura e Identidades* (2000-2004), *Interidentidades* (2005-2014), numa abertura a novas temáticas e perspetivas epistemológicas e hermenêuticas, colocando o ILC numa posição de vanguarda científica. Durante este período, definiu-se uma nova política editorial numa diversidade de meios de divulgação de ciência, sensível a uma cultura digital de importância crescente, reveladora de práticas de ciência aberta que, só mais tarde, ganharam amplitude no ecossistema científico nacional. Sob a sua coordenação, promoveram-se dinâmicas colaborativas de trabalho científico, plasmadas na organização e funcionamento internos da Unidade.

Nestes cerca de quinze anos de direção do ILC, muitos terão sido os desafios e mudanças, nomeadamente no campo dos Estudos Comparatistas, pelo que se torna relevante registar o testemunho de uma voz autorizada, ator central no processo complexo do desenho de estratégias, de tomada de decisões e de implementação de ações que contribuíram para o desenvolvimento dos Estudos Comparatistas em Portugal.

Num olhar retrospectivo e crítico sobre os seus quinze anos de atuação no quadro do Instituto de Literatura Comparada o que salientaria como principais constantes e como eventuais mutações e/ ou ruturas no campo de investigação da Literatura Comparada?

GVB: A literatura, ou qualquer outra forma de expressão artística, sempre foi vista, de uma ou outra maneira, como uma marca identitária, ligada a uma língua, a uma cultura, a um contexto específico. Procura-se tantas vezes traços da identidade nacional em determinados textos literários, contudo o leitor individual pode encontrar na literatura elementos também da sua identidade individual.

A literatura pode ser abordada através dos meios mais díspares, desde os seus conteúdos às suas expressões formais. Mas sempre em diálogo com os outros discursos literários, como se tratasse de uma linha contínua, mas não reta. O texto escrito implica o lido, isto é, o anterior, o escritor é e foi sempre primeiro um leitor ou ouvinte. A história da literatura mostra, assim, linhas de continuidade, com ruturas e continuidades. Este diálogo não se dá somente com outros textos, mas com muitas outras obras artísticas, como o teatro, o cinema, as artes plásticas. Daí as abordagens interartísticas, algo de essencial na compreensão dialógica da literatura. E também as ligadas aos problemas ligados ao género, num constante interrogar da sociedade em que vivemos, mas também das formas de comunicação, no nosso caso, sobretudo a questão da linguagem. A literatura vive da e na linguagem, encontra espaços de liberdade, procurando os espaços deixados vazios no discurso dominador. Irene Vallejo, em livro publicado entre nós em 2023, num texto intitulado “De fonte segura”, escreve: “Ler ajuda-nos a falar. Graças à leitura conquistamos habilidade verbal e abundância [...] A leitura torna-nos curiosos, mas não crédulos: os livros também nos livram deste perigo.” Ler, portanto, ajuda-nos a ver, procurar a nossa identidade, quer individual, quer coletiva. Daí a importância da leitura e de trazer aos outros diferentes abordagens possíveis do texto literário, no nosso caso, sobretudo mostrando diversos modos de os ler, dentro dos respetivos contextos literários, também dentro das suas mais diferentes realizações, como a ficção, a poesia, a literatura dramática, policial, viagística, jornalística, etc., cada qual com as suas problemáticas diferentes, sempre ligadas ao modo de ler.

Damos uma ênfase diferente, consoante as abordagens escolhidas, tendo em mente que o texto contém diversos níveis passíveis de várias interpretações. A nossa tarefa não é a de fechar os textos, mas de mostrar como os diferentes níveis interagem, possibilitando um número quase infindável de leitores. E cada leitor é construtor do “seu” texto, tendo também em conta aquilo que leu sobre ele. Uma das nossas tarefas é precisamente “mostrar” como um texto é construído, mas sempre a partir de uma perspetiva subjetiva. Deste modo, o leitor textual poderá encontrar outros textos relacionados com aquele que está a ler, poderá aí perceber melhor a construção do texto e o seu funcionamento. As nossas abordagens fazem parte da bagagem que os leitores poderão utilizar nas respetivas leituras.

Os textos que analisamos nunca serão abordados como entidades solitárias, mas através das diferentes pontes que nos interessam. Isto não implica que não haja outras possibilidades de análise, são apenas os aspetos que privilegiamos.

Com isto pretendemos enriquecer um dos mais poderosos meios de comunicação. O diálogo à volta da literatura, das suas fronteiras e horizontes é um dos aspetos essenciais da nossa pesquisa, tendo em conta sobretudo textos ocidentais, mas que se deverão alargar, dentro do diálogo global que caracteriza cada vez mais o nosso mundo, a outras culturas. Os textos literários surgem em dinâmicas enriquecedoras, que levam os leitores a alargar as suas fronteiras de conhecimento, a consciencialização dos seus problemas, sempre com um espírito aberto.

A partir da sua vasta experiência de coordenação científica de uma Unidade de Investigação muitos foram certamente os desafios surgidos. Quais destacaria pelas implicações na condução da investigação nos seus aspetos mais concretos?

GVB: No início, éramos um grupo mais pequeno, bastante unido nas nossas atividades, mesmo tendo em conta a diversidade dos interesses. A FCT era também menos burocratizada; experimentava-se uma maior liberdade na escolha do eixo temático central, permitindo uma fácil integração das diferentes linhas de investigação acolhidas pelo Instituto. O ILC tornou-se, naturalmente, um ponto de encontro, de debate, de colaboração.

O desafio principal no nosso Instituto sempre foi, desde que a Margarida Losa o fundou, a coordenação e articulação dos nossos interesses pessoais à volta do fenómeno literário, na sua importância como um dos elementos identitários. Um conjunto de investigadores do objeto literário que é, na sua receção, essencialmente individual, torna o diálogo entre tod@s algo absolutamente necessário. As pontes nem sempre foram fáceis de construir, mas sempre se chegou a bom porto. As linhas divergem e convergem, no passado como no presente. É isso que fez e faz, de nós tod@s, membros de um instituto de investigação.

Assim, foi desafiante identificar os vários percursos possíveis no meio das complexidades que constituem o nosso caminho à volta dos textos que cada um escolhe, dentro dos parâmetros que são as linhas de investigação que sempre existiram - entretanto denominadas Inter/transculturalidades, Intermedialidades, Intersexualidades -, respeitando critérios impostos por entidades exteriores. Houve sempre imensas discussões sobre como avançar, mas sempre se chegou a consensos, adaptando os nossos propósitos aos fins de uma unidade de investigação, sempre pequena mas sempre dinâmica. As linhas serviram como eixos de convergências e de enriquecimento.

A progressiva aposentação de alguns membros repercutiu-se numa maior clivagem geracional que foi e é também ela desafiante, na procura de diálogos profícuos, sabendo, afinal, que o que importa é fomentar a discussão em torno daquilo que nos une, a literatura.